

AS PERSONAGENS LEITORAS DE *PERSUAÇÃO* (1818) - UMA FIGURAÇÃO DA TRANSIÇÃO DE PODERES ENTRE A ARISTOCRACIA E A BURGUESIA

DOI: 10.47677/gluks.v24i2.447

Recebido: 16/05/2024

Aprovado: 19/09/2024

CAPORALE, Camila Cano¹

RESUMO: O objetivo principal deste trabalho é verificar a transitoriedade nas relações de poder, por meio da análise dialética dentro dos aspectos figurados pela leitura e seus leitores, procurando compreender, historicamente, como tal questão se configura entre membros da aristocracia e burguesia inglesa, no romance *Persuasão* (1818) escrito por Jane Austen. Mais precisamente, o estudo se concentrará nas seguintes personagens leitoras: membros da família Elliot, as personagens da marinha inglesa, a saber, os capitães Wentworth, Harville e Benwick e o clã do almirante Croft, com quem, ao longo do romance se travam as discussões acerca de textos literários. Partindo de uma perspectiva dialética, contaremos prioritariamente com as discussões teóricas postuladas pelo crítico Fredric Jameson, em seu livro intitulado *Inconsciente Político, a Narrativa Como Ato Socialmente Simbólico* (1992).²

PALAVRAS- CHAVE: Jane Austen, *Persuasão*, Leitura.

Introdução

Austen e o contexto histórico – apontamentos acerca da leitura e dos leitores nos séculos XVIII e XIX

Jane Austen é uma autora inglesa, nascida em Steventon no ano de 1775 e falecida no ano de 1817, na cidade de Winchester. A escritora deixa a seus leitores, como última de suas obras literárias completas, o romance *Persuasão*, cuja publicação ocorreu postumamente, em

¹Doutora em estudos literários pelo Programa de pós-graduação – PPGLit -Ufscar. E-mail: camilacaporale@estudante.ufscar.br.

² Partimos do texto de (1992), escrito por Jameson, pois, ali encontramos descrita uma metodologia para compor nossa perspectiva dialético-política, de análise dos textos literários, todavia, teóricos como Antônio Cândido e Roberto Schwarz, fazem parte de nosso cabedal teórico, quando tratamos a questão de análise de cunho dialético.

1818. Neste, assim como em seus outros cinco romances finalizados³, a autora privilegia enquanto temática a questão da leitura, uma vez que protagonistas, como Anne Elliot, fazem menções consideráveis a respeito do que é lido por cada uma delas. Ambientados na sociedade rural inglesa do século XVIII, no intitulado período Regencial (1795-1837), os trabalhos da autora demonstraram, de modo bastante pertinente, noções acerca da leitura, por exemplo, a ascensão do romance enquanto gênero literário, a circulação de livros, por meio das bibliotecas, discussão e menção feitas sempre de modo figurado, a partir de falas das personagens, ou narradores nos romances envolvidos.

Do ponto de vista histórico, não parece ser fortuito que tais discussões possam aparecer no meio ficcional⁴ ao qual Austen escolhe para realizar a escrita de cunho literário, (o gênero romance), uma vez que ela era vista e considerada uma grande leitora do gênero. Conforme nos aponta Stabler: “Ela poderia ter poupado esta pretensão de nossa família, que são grandes leitores de romance e não tem vergonha de sê-lo” (L, 18-19 December)⁵, além do próprio fato de que a leitura vinha participando de um movimento crescente de popularização, conforme discutiremos na sequência.

³ Considere a partir deste momento os seguintes romances: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1816), obras publicadas ainda em vida; e outras duas datadas pós-morte por volta de 1818, *A abadia de Northanger* e, por fim, *Persuasão*.

⁴ Partimos da ideia tratada por Jameson de que a obra literária deve ser vista como um ato socialmente simbólico. Para o crítico (1992, p. 69, aspas e grifos do autor), em *O inconsciente Político: a narrativa como um ato socialmente simbólico*, “[...] O ‘ texto’, o objeto de estudo, é ainda mais ou menos construído como algo coincidente com a obra ou expressão literária individual. Contudo, a diferença entre a perspectiva imposta e possibilitada por esse horizonte, e a explication de texte comum, ou exegese individual, é que aqui a obra individual é apreendida essencialmente como ato simbólico. Outro conceito de Fredric Jameson o qual, não podemos deixar de mencionar é o de que as narrativas, nesse caso, a narrativa literária é considerada um ato simbólico, de expressão, que segundo Jameson (1992, p. 74) mantém essa relação com o real sem serem a própria realidade. É aquilo que ele descreve como “textura”, ou “subtexto”, o qual pretendemos de fato analisar, levando em conta a investigação dos fatores ligados à noção de desenvolvimento da leitura e de um público leitor figurados no romance *Persuasão*.

Ainda de acordo com a perspectiva de Jameson, há outros dois horizontes de interpretação a serem levados em conta, a fim de se realizar uma leitura política, ou dialética do texto literário, são resumidamente: o ideologema, o qual compreende a menor unidade inteligível dos discursos coletivos essencialmente antagônicos das classes sociais e aquilo que ele denomina como ideologia da forma, mensagens simbólicas as quais são transmitidas pela coexistência dos diversos modos de produção.

⁵ No original temos: “She might have spared this pretension to *our* family who are great Novel- readers & not ashamed of being so”. (grifo do autor). Filha de um clérigo, a saber, George Austen e de sua esposa, Cassandra, cujos rendimentos adivinham de uma pequena propriedade rural, (*Yeoman gentry*). A biblioteca particular da família Austen, de acordo com Stabler (2010, p. 42), em Steventon, contava com algo em torno de quinhentos livros, número de exemplares, considerável para o período histórico em questão.

A Inglaterra em 1750 contava, de acordo com o que aponta Richard D. Altick (1998, p. 49), com uma população de seis a sete milhões de pessoas. Desse grupo, em 1790, recebemos a estimativa do número representante da parcela de leitores da época, segundo aponta Edmund Burke, seria de oitenta mil pessoas. Grande parte desse limitado número fica mesmo ligada à burguesia, uma vez que, segundo admite Watt (2010), a educação para as camadas mais pobres era de certa forma restrita, as chamadas *escolas de caridade*; de modo geral, a ida a estes locais acontecia de forma breve e irregular, o que dificultava ainda mais a aquisição elementar da leitura.

Coletivamente pensando, ainda é preciso acrescentar⁶, a questão do apreço pela leitura também vislumbrado principalmente, a um considerável aumento no número de locais os quais ofereciam acesso a livros, como é o caso das denominadas bibliotecas circulantes, as quais, de modo geral ofereciam empréstimos a preços módicos, aproximadamente o valor de meio guinéu a um guinéu por ano de acordo com o que nos conta Ian Watt, (2010, p.45, grifos do autor), acrescentando que: “(...) e muitas vezes se podiam emprestar livros por um *penny* ou três *pence* o habitual romance de volumes.

O último aspecto a ser considerado a respeito do público feminino, e porque não incluir também, oficiais da marinha inglesa os quais possuíam poucos meios de divertimento, a prática da leitura prestava um papel fundamental. No caso, específico, do público leitor feminino Watt, afirma (2010, p.47): “(...) Na Inglaterra dificilmente se vê a mulher ocupada em tarefas ao ar livre; e mesmo dentro de casa, descobriu fiar e tecer também é uma coisa rara na maioria dos lares, pois as muitas fábricas as poupam de tal necessidade”. Já o grupo ligado à marinha inglesa, graças ao seu desempenho no comércio marítimo e nas próprias batalhas

⁶ No presente artigo, trataremos a questão histórica acerca da leitura, referente ao contexto da Inglaterra nos séculos XVIII e XIX, gostaríamos de apontar, porém que a questão da leitura é muito mais abrangente e em linhas gerais, Segundo Darnton, na abertura do livro organizado por Peter Burke, *A Escrita da História: novas perspectivas* (1992), existem exemplos relatando a presença de grandes leitores, como o encontrado por Carlo Ginzburg, um humilde moleiro cujo nome era Menocchio, registrados no século XVI no período da Inquisição.

napoleônicas⁷, (estando eles enriquecidos), buscava demarcar tal notoriedade também, por meio da aquisição de volumes e da criação do hábito da leitura enquanto lazer individual.

Por um lado, a classe que havia gerado uma súbita riqueza por meio da fabricação ou comercialização de material na guerra formou um mercado lucrativo para os livros de luxo. Valorizando livros fichas principalmente como conspícuas de riqueza, essas pessoas adornavam as prateleiras de suas mansões com volumes cuja opulência era óbvia ao espectador mais casual. (Altick, 1998, p. 261, tradução nossa).⁸

Notamos, por meio da leitura dialética e das contradições, segundo demonstra a teoria de Jameson (1992)⁹ as quais são utilizadas com o intuito de analisar as relações de poder presentes dentro do romance austeniano em questão, contudo, que a questão da leitura ultrapassa as noções de lazer acima mencionadas, figurando, o que chamaremos de

⁷ Os confrontos napoleônicos (1803-1815) são exemplos, da busca pela hegemonia marítima e do enriquecimento por meio da política liberal e do livre comércio. Ao longo do capítulo terceiro, podemos observar as personagens mantendo diálogo sobre tais eventos, a saber, a menção a respeito da Batalha de Trafalgar (1805), liderada pelo almirante Nelson (1758-1805), e rompeu o bloqueio naval que isolava a Inglaterra da Europa continental, imposto por Napoleão (1806).

⁸ No original temos: “(...) the publishers, on the other hand, could make a plausible, if not wholly convincing, defense. For one thing, the class that had come into sudden wealth through manufacturing or trading in war supplies formed a lucrative market for luxury books. Valuing books primarily as conspicuous tokens of wealth, these people lined the shelves of their mansions with volumes whose costliness was obvious the most casual beholder.” (Altick, 1998. p. 261).

⁹ Contradições termo usado por Jameson para demonstrar o que de acordo com ele o texto literário possa vir a: “(...) em vão, controlar ou dominar (ou *manipular*, para usarmos o sugestivo termo de Norman Holland) totalmente”. (Jameson, 1992, p. 44, grifos do autor).

transferência de poder, onde os novos ricos, ou seja, o *rank*¹⁰ (o qual incluiu marinheiros e comerciantes) usufrui dessa outra noção, a de transição social.

Pontuados os aspectos fundamentais acerca das noções históricas associadas ao público leitor, passaremos a tratar da análise, a partir daquilo presente no subtexto do romance, ao buscarmos discutir as possíveis estratégias de contenção¹¹ do texto austeniano.

Família Elliot e a leitura - uma figuração da transição de poderes entre aristocratas e burgueses

Finalizado em agosto de 1816, com o título provisório de *The Elliots*, o texto narra a história da derrocada financeira da família de aristocratas, moradores em Somerset, condado no sudoeste da Inglaterra.

Anne Elliot é a protagonista mais velha, entre todas as demais (a personagem conta com vinte e oito anos de idade). Austen que, inclusive, nesse momento escrevia já enfrentando uma enfermidade não diagnosticada, e cujos sintomas lhe dificultavam o ato de compor, finaliza essa última obra literária. De acordo com Lajosy Silva, em *Leituras de Jane Austen no século XIX*, (2014, p. 143-144): “Os originais de *Persuasão* _ terminado em agosto

¹⁰ O termo “classe” já estava em curso na época de Austen. P.J. Corfield cita um escritor de 1753 que classificou a sociedade Inglesa em cinco classes: viz. Nobreza; a Gentry; os comerciantes gentis (todos aqueles que exigem particularmente grande Capital); os comerciantes mais comuns; e a Peasantly. Mas como um conceito organizador ainda foi a divergir significativamente das especificações tradicionais de classificação, estação ou grau. O ‘ranqueamento’ manteve-se o modelo estabelecido e ditou o pensamento convencional. (Keymer, 2010, p. 387, tradução nossa, grifo do autor). No original temos: “The term ‘class’ was already current by Austen’s day- P.J. Corfield cites a writer of 1753 who itemised English society in five Classes; viz. the Nobility, the Gentry, the genteel Trades (all those particularly which require large Capital), the common Trades, and the Peasantly – but as an organising concept it was yet to diverge significantly from traditional specifications of rank, station or degree. ‘Rank’ remained the established model, and dictated conventional thought.” (Keymer, 2010, grifo do autor).

¹¹ O termo estratégia de contenção, (1992, p.48), também emprestaremos de Jameson. Tal termo pode ser definido resumidamente como recursos utilizados de modo inconsciente ou não pelo autor e que precisam ser desmembradas pelo leitor crítico quando pretende reconhecer as questões defendidas no subtexto. O subtexto abarcará segundo as ideias de Jameson os níveis mais complexos de entendimento do texto literário. Raciocínio similar constrói o pesquisador Roberto Schwarz em seu texto, a saber, *Dois meninas* (1997, p.09), no qual descreve tais estratégias enquanto “armadilhas” presentes no texto literário, em seu caso, ao analisar a postura de Bento Santiago, personagem principal do romance machadiano, intitulado, *Dom Casmurro*, (1899).

de 1816 _já demonstrariam a precariedade da autora, quando a caligrafia aparece distorcida, em função da dificuldade de escrever com a doença em seu estágio inicial, agravando-se gradativamente.”.

Notaremos que esse texto literário traz a temática da leitura dentro de uma proporção mais contida e menos evidente, (especialmente se o colocarmos em comparação com os demais romances da mesma autora), o que nos deixa diante de uma *estratégia de contenção*, algo que de certo, modo, dá ao leitor de textos literários apenas uma percepção, do que Jameson (1992) nomeia como, o conteúdo manifesto, o qual aqui pode vir a ser exemplificado no romance *Persuasão*, como a relação de amor e casamento entre as personagens, já que tal assunto no romance parece ser incontestável. Cabe dizer, portanto, que ao analisarmos o declínio de menções literárias por parte dos Elliot, de modo dialético, (sobretudo, ao considerarmos as escolhas formais dessa narrativa), passamos a considerar algo mais complexo, de caráter ideológico, uma vez que tal escolha, de assim figurar o texto literário, parece estar diretamente relacionada com o próprio declínio da aristocracia, assim como a ideologia e a predileção pelo gênero literário poético por eles perpetuados, especialmente se vislumbrarmos esse aspecto em conjunto com o período histórico, (sendo ele também o da ascensão do gênero romance), gênero este, que cai no gosto daqueles cujo enriquecimento é visível, ou seja, a burguesia.¹² Não se deve deixar, então de dizer, o quanto as diminutas citações por parte do público leitor aristocrata em *Persuasão*, atua em termos simbólicos, e de maneira fundamental, para compreensão de transferência de poderes entre os dois grupos de pessoas. Seguindo essa premissa, dentro da popularidade do gênero romance, Vasconcelos (2007, p. 152), acrescenta: “(...) o romance transformou-se num fenômeno. Tornou-se popular, fez sucesso, vendia, era lido. E falava-se sobre ele nos cafés, nos periódicos, nas rodas sociais e nos círculos dos homens e mulheres de letras”.

Todavia, ao ampliarmos ainda mais nossos horizontes de interpretação, passamos a vislumbrar um caminho de intelectualidade sendo construído, por meio da leitura, tendo como seus principais leitores os dois grupos citados no parágrafo anterior. E, sobretudo, à medida

¹² A poesia e o teatro são gêneros literários, os quais mais atenderiam a predileção da aristocracia.

que o livro nos traz, o quanto cada leitor ficcional aristocrata¹³ passa a vivenciar a necessidade de ampliação de suas próprias leituras e interpretações dos textos lidos, por meio, da negociação entre as perspectivas burguesas e as suas e, a partir disto, a conviver inevitavelmente com os novos valores ideológicos, por eles propagados, os quais, agora estão em plena ascensão. Explicita o romance, já nos primeiros parágrafos:

Sir Walter Elliot, de Kellynch Hall, Somersetshire, era um homem que, para se entreter, nunca lia outro livro que não o *Baronetage*; nele encontrava distração para os momentos ociosos e consolo para os difíceis; nele sua admiração e respeito eram despertados pela contemplação dos poucos remanescentes dos primeiros títulos; nele qualquer sensação desagradável ocasionada por questões domésticas se transformava naturalmente em dó e desprezo. À medida que folheava os quase infindáveis enobrecimentos do século anterior – e, caso nenhuma outra página surtisse efeito, podia ler a própria história com um interesse que jamais arrefecia –, eis a página em que o livro preferido sempre se abria. (Austen, 2007, p. 5).¹⁴

Livro de registro dos baronetes, dos títulos hereditários da Inglaterra, nos traz as primeiras impressões acerca do clã em questão. Cabe iniciar pontuando, por exemplo, que é, por meio dele, que conseguimos perceber o quanto, para Sir Elliot, tais registros de linhagem parecem funcionar como uma manutenção já não efetiva do “*status*” ao qual seu título outrora carregaria. Simbolicamente, o texto de Jane Austen, aqui exposto, demonstra algo maior, quando avançamos os horizontes de interpretação, ao colocar tanto, por meio da postura do pai vaidoso (acrescenta dados da família ao livro já impresso por considerá-lo impreciso junto ao conjunto de informações ali demarcadas), bem como a narrativa demonstra, por meio do comportamento da primogênita, que ao ler seu conteúdo sente por ele uma espécie de melancolia ao não ter ali seu nome inserido como a esposa do futuro herdeiro de

¹³ Essa necessidade é mais evidente em Anne Elliot.

¹⁴ No original temos: “Sir Walter Elliot, of Kellynch Hall, in Somersetshire, was a man who, for his own amusement, never took up any book but the *Baronetage*; there he found occupation for an idle hour, and consolation in a distressed one; there his faculties were roused into admiration and respect, by contemplating the limited remnant of the earliest patents; there any unwelcome sensations, arising from domestic affairs changed naturally into pity and contempt as he turned over the almost endless creations of the last century; and there, if every other leaf were powerless, he could read his own history with an interest which never failed. This was the page at which the favourite volume always opened.” (Austen, 2007, p. 5).

seu pai, a saber, o primo William Elliot, tornando-os, figuras isoladas em seu círculo social aristocrata.¹⁵

As geadas de treze invernos tinham-na visto abrir todos os bailes dignos de registro que uma pequena localidade conseguia dar; e durante treze primaveras, as plantas tinham mostrado suas flores quando ela viajava a Londres com o pai, para desfrutar, uma vez por ano, das diversões do grande mundo. Ela lembrava-se de tudo isso, tinha consciência de ter vinte e nove anos, o que lhe provocava alguma pena e apreensão. Sabia que era muito bonita; mas sentia os anos perigosos se aproximarem, e gostaria de ter certeza de que um verdadeiro baronete pediria sua mão dentro de um ou dois anos. A essa altura, talvez voltasse a pegar o livro dos livros com tanto prazer como nos anos da sua juventude; mas, naquele momento, ela não gostava dele. Deparar-se constantemente com a data de seu nascimento e não ver nenhum casamento à frente desta exceto o de uma irmã mais nova tornavam o livro um mal; e, mais uma vez depois de o pai tê-lo deixado aberto em cima da mesa a seu lado, ela tinha-o fechado e empurrado para longe desviando os olhos. (Austen, 2007, p.08).¹⁶

Simbolicamente, reitera a leitura equivocada de ambos, sua dificuldade em conviver com a nova ordem econômica (dominada pela presença e enriquecimento da burguesia), pois ambos nutrem sua preferência, ou sua expectativa em estampar suas histórias, junto ao livro de gerações. Mantêm, portanto, atreladas suas perspectivas de sucesso financeiras e sociais, sempre baseadas nos moldes do livro, ou, em outros termos, em questões de herança, próprias

¹⁵ Não parece ser à toa que Elizabeth, mesmo sendo vista como alguém superior em beleza e frescor, se comparada a Anne Elliot, (a protagonista, inicia a trama já com a idade superior aos 25 anos, o que na prática para aquele período era considerada uma faixa etária avançada para conquistar um bom casamento), sua superioridade física, no entanto, pode ser considerada como um atributo de pouco valor, na medida, em que seus valores e experiências vividas continuam limitados ao círculo de parentes e amigos pertencentes à aristocracia, o que não acontece com Anne e em certa medida com Mary, pois a ambas ocorre abertura desse círculo de companhias. Anne Elliot sairá do lar paterno, para receber seus primeiros ensinamentos na ocasião da morte de sua mãe em 1800, partindo para um importante polo cultural da época, a saber, Bath.

¹⁶ No original temos: “Thirteen winters’ revolving frosts had seen her opening every ball of credit which a scanty neighborhood afforded, and thirteen springs shewn their blossoms, as she travelled up to London with her father, for a few weeks’ annual enjoyment of the great world.

She had the remembrance of all this, she had the consciousness of being nine-and-twenty to give her some regrets and some apprehensions; she was fully satisfied of being still quite as handsome as ever, but she felt her approach to the years of danger, and would have rejoiced to be certain of being properly solicited by baronet-blood within the next twelvemonth or two.

Then might she again take up the book of books with as much enjoyment as in her early youth, but now she liked it not. Always to be presented with the date of her own birth and see no marriage follow but that of a youngest sister, made the book an evil; and more than once, when her father had left it open on the table near her, had she closed it, with averted eyes, and pushed it away.” (Austen, 2007, p.08).

da aristocracia, ou em meios como o de casamentos arranjados, (os quais, o livro descreve) e que ali costumam constar¹⁷, (entre membros de uma mesma família), fato que certamente os impedem de enxergar validade e sabedoria no conhecimento de outrem, como o caso de Anne Elliot, o que conseqüentemente trariam a ambos, dificuldades em aceitar essa transição.

No entanto, ainda que *Sir* Elliot e Elizabeth, (a já mencionada primogênita), se mantivessem presos aos valores aristocratas, dando aos títulos adquiridos e as propriedades de família, importância maior, ambos se viram obrigados a abrir precedentes para negociações, a fim de, quitar dívidas causadas pelos excessos de uma vida luxuosa, a qual tais posses herdadas, (como as suas), não foram capazes de com seus lucros manter. Como alternativa de contato direto nas negociações, surge o representante legal dos Elliot, com a incumbência de lhes apresentar soluções junto a esse impasse financeiro. A princípio e de modo curioso, é sugerido que haja uma divulgação nos jornais sobre a disponibilidade do solar de Kellynch Hall. Concomitantemente, nos é revelado, por meio do mesmo veículo de comunicação ao longo dos três primeiros capítulos, o fato de que representantes enriquecidos da marinha inglesa estariam se direcionando à mesma região, a fim de ali, residirem por período indeterminado.

Vasconcelos, no livro intitulado *Dez Lições sobre o Romance Inglês do século XVIII*, é quem nos abre a perspectiva em termos funcionais destes periódicos:

Uma folha diária dedicada a trazer a filosofia para praça pública, como anunciavam seus editores, inaugurou um tipo de periodismo que tomou para si a função de intervir no debate de ideias, corrigir os modos de pensar e encaminhar os leitores para o domínio da razão e da civilidade (Vasconcelos, 2002, p. 151).

Além de filosofia, esses periódicos, acrescenta a pesquisadora, serviriam como ponto de instrução à população e, ao promover o debate de ideias, tratando ainda de noticiar eventos como enlances matrimoniais e assuntos de cunho particular como a venda, ou arrendamento de terra, tal qual, se passa com os Elliot.

¹⁷ No caso de Elizabeth, o possível enlace com seu primo, herdeiro de todas as propriedades de seu pai, (sendo ele o parente mais próximo na ausência de um filho), simbolizaria a manutenção dos direitos para essa jovem, junto a tais propriedades, assim que seu pai viesse a falecer.

Um primeiro ponto o qual gostaríamos de destacar diz respeito a reação causada em Sir Elliot, a partir da sugestão dada por seu advogado, senhor Shepherd, cuja intenção em tornar mais ágil o processo de locação da propriedade, insinua que talvez fosse interessante fazer uso desse novo meio de comunicação, cuja ascensão ocorre lado a lado, com a da própria burguesia. Temendo ser ridicularizada a sua dificuldade pessoal e financeira, *Sir Elliot* rechaça essa opção de modo veemente. Sob a perspectiva da ideologia da forma, no entanto, essa recusa quando vista em conjunto com o apego do primeiro modo de registro, a saber o livro de anais dos baronetes, pode nos dizer algo a mais. A começar pelo fato de os distintos papéis a que se propõe cada veículo de comunicação, já podem por si só serem símbolos da ideologia a qual cada um desses grupos de pessoas carrega. No caso dos jornais, vemos uma clara abertura ao conhecimento, uma vasta disponibilização aos leitores. Já o segundo, apesar de ser considerado um livro, se limita a descrever linhagens de famílias, bem como a estar nas mãos daqueles, cujo sobrenome ali se via estampado, destacando dessa maneira a própria noção de distinção social como sendo o símbolo do domínio desse conhecimento deixado a poucos, tal qual ocorreu em tempos anteriores com os membros da aristocracia. Vemos que a difusão mais ampla dos saberes, está atrelada com a ânsia do grupo burguês, com os ideais iluministas e com a leitura enquanto um ato individual¹⁸.

Sir Elliot possui uma imagem estigmatizada e preconceituosa, prendendo-se apenas na leitura de si e de sua descendência ao manter apreço pelo caminho de que o conhecimento sobre si só deveria estar restrito aos anais. O próprio conhecimento que ele possui de membros da marinha é obsoleto se comparado ao de sua filha Anne: ela está atualizada e apoiada em fatos tratados pelos jornais, e pode dizer com propriedade aspectos da chegada dos marinheiros. Leiamos um pequeno fragmento sobre essas defasadas ideias:

[...] E quem é o almirante Croft? Foi a fria e desconfiada pergunta de Sir Walter. O senhor Shepherd respondeu que era de uma família nobre e mencionou uma localidade; e Anne, após a pequena pausa que se seguiu acrescentou:

¹⁸ Devemos pontuar que antes desse momento, era muito mais comum que o ato de ler fosse feito em grupo, na medida em que o acesso à educação ainda era restrito a uma minoria aristocrática e ao clero. Com o surgimento da escrita em línguas vernáculas e das escolas de caridade, esse processo muda, permitindo que haja um maior número de pessoas capazes de ler por si só, caracterizado assim o processo de individualização da leitura.

- Ele é contra-almirante. Esteve na batalha de Trafalgar e, desde então tem estado nas Índias Ocidentais; foi destacado para lá há vários anos.(Austen, 2007,p. 21).¹⁹.

Em contrapartida, a leitura de notícias tem para Anne a função de aprendizado, conforme discutido por Vasconcelos, (que no contexto do romance figura a reação oposta à do patriarca), na medida em que amplia seus saberes, junto a questões das batalhas por Wentworth, enfrentadas, ou ainda por algum dos membros da família do rapaz. Vejamos nos trechos, compartilhados, os quais demonstram a ideia apontada acima: “Ela só podia basear-se em registros da marinha e nos jornais, mas não duvidava de que ele fosse rico e quanto a sua constância ela não tinha motivos para supor que ele se tivesse casado”. (Austen, 2007, p.27).²⁰ Anne, demonstra, claro desejo pela obtenção de novos conhecimentos e a busca por meios para alcançá-los, conforme passaremos a verificar, a seguir.

Outro ponto relevante a ser aqui levantado, a partir de uma análise mais profunda da postura da protagonista, está atrelado à noção de que Anne, cuja ótica acerca do assunto referente à contenção de despesas familiares, é a que apresenta melhores alternativas de sucesso para a efetiva mudança de hábitos. A ela é deixada apenas a incumbência de finalizar a retirada de livros e pertences mais relevantes, suas posições e pensamentos sendo pelos demais sempre ignoradas. Partimos da ideia de que a aversão advinda dos seus parentes mais próximos acontece justamente pelo fato de Anne ser capaz de aceitar esse processo de transferência de poderes entre a aristocracia e a burguesia, já que em sua juventude se encanta pelo também jovem sem ligações aristocratas, Frederick Wentworth. Acrescentamos, ainda, que sua passividade e seu silêncio podem ser encarados como submissão a autoridade paterna, e, também por essa razão, fosse muito mais difícil contrariar opiniões como as de *Lady Russell*, ou *Sir Elliot*, entretanto, notamos que essa trava familiar vai sendo suprimida, logo

¹⁹ No original temos: “[...]And who is Admiral Croft? was Sir Walter’s cold suspicious inquiry. Mr. Shepherd answered for his being of a gentleman’s family, and mentioned a place; and Anne, after the little pause which followed, added.

- He is rear admiral of the white. He was in the Trafalgar action, and has been in the East Indies since; he was stationed there, I believe, several years.” (Austen 2017,p.21).

²⁰ No original temos: She had only navy lists and newspapers for her authority, but she could not doubt his being rich;—and, in favour of his constancy, she had no reason to believe him married.” (Austen 2017,p.27).

que chega a Uppercross, e passa a ter convívio com pessoas de “*ranks*” distintos, como é o caso dos Musgrove.

A partir dali, pode vir a repensar e reajustar suas opiniões e pensamentos, de modo a ampliar suas perspectivas de mundo, compartilhando novas ideias, o que ao fim do romance, garante a ela uma aliança muito vantajosa com aqueles onde os novos meios de subsistência estão em ascensão. Vejamos o que diz o narrador, a respeito de sua chegada:

Anne não precisava daquela visita a Uppercross para saber que a mudança de um grupo de pessoas para outro, ainda que os dois estejam separados por apenas cinco quilômetros, muitas vezes significa uma mudança total de conversa, opiniões e ideias. (Austen, 2007, p. 37).²¹

Já na companhia de sua irmã Mary, em Uppercross, a heroína explica um pouco mais a respeito de suas funções, quando já haviam deixado a propriedade sob seus cuidados. É Anne, inclusive, a única a ter acesso no futuro ao mesmo local, fator que simbolicamente figura alguns pontos interessantes, os quais iremos demonstrar, a partir do compartilhamento do seguinte trecho do romance:

– Muitas coisas, eu lhe garanto. Mais do que sou capaz de me lembrar em poucos segundos, mas posso lhe citar algumas. Estou fazendo uma cópia do catálogo dos livros e quadros do meu pai [...]. Tive as minhas coisas para organizar, livros, músicas para separar[...]. (Austen, 2007.p.34).²²

A protagonista aponta que ficou responsável pela organização do montante de livros pertencentes ao pai. Ao pensarmos dialeticamente, sendo tais objetos advindos do acervo dos aristocratas, uma importante impressão salta aos olhos: diz respeito ao acúmulo de pertences do gênero *livresco*, ao qual, a filha tem como mensurar e ao longo de toda uma vida, ali estando, pôde usufruir. Contudo é preciso ir além desta constatação e analisar o fato de que

²¹ No original temos: “Anne had not wanted this visit to Uppercross, to learn that a removal from one set of people to another, though at a distance of only three miles, will often include a total change of conversation, opinion, and idea”. (Austen, 2007, p.37).

²² No original temos: “A great many things, I assure you. More than I can recollect in a moment: but I can tell you some. I have been making a duplicate of the catalogue of my father’s books and pictures [...].I have had all my own little concerns to arrange—books and music to divide [...]”.

esse acesso, no entanto, em pouco tempo deixará de ser exclusivo a sua linhagem, na medida em que ao concretizar o negócio, a propriedade e tudo o que nela estivesse contida, passaria a ser de domínio do endinheirado almirante, a saber, os Croft, um burguês.²³ Percebemos por meio da ideologia da forma, que há a figuração, portanto, não somente do intercâmbio monetário, mas a apropriação intelectual de todo conhecimento e conteúdo acumulado durante gerações pela aristocracia inglesa. Ao catalogar os pertences, a protagonista, parece informar ao leitor, ainda que de modo inconsciente, que “apenas, pode manter o controle das posses, em termos numéricos e não mais possuir em contexto físico, como quando ali residia”, uma vez que logisticamente seria impossível transportá-los todos para longe dali. A jovem leitora parece apenas se preocupar em separar para viagem os livros que possam ser considerados como sendo aqueles de seu interesse particular.

Gostaríamos de acrescentar, conforme o pesquisador Richard D. Altick, explicita em seu livro: *The English Common Reader: A Social History of the Mass Reading Public, 1800-1900* (1998), que deve existir certa cautela ao dizer que “toda família inglesa” na época teria os privilégios da leitura assegurados, como revela Johnson (*apud* Altick, 1998, p. 41, tradução nossa): “tais observações foram feitas, é preciso lembrar, em um contexto social muito restrito. Para Johnson e seus contemporâneos, as camadas da sociedade civilizada terminavam com a classe média.”²⁴

Ao longo do romance, antes da ocasião do enlace de Anne Elliot e Capitão Wentworth, a jovem voltará a visitar seu lar, e pelos novos moradores será informada de que pouco fora acrescentado ou alterado na residência, fato que reforça a ideia de posse dos livros ali mantidos, segundo comenta o senhor Croft: “– Aliás, fizemos muito poucas mudanças –

²³ Persuasão não será o único romance a demonstrar essa apropriação intelectual, figurada pelo uso das bibliotecas particulares, os irmãos Blingley, enriquecidos por meio do comércio, alugam uma grande propriedade, propriedade esta que conta com a presença de uma também considerável biblioteca particular. Ainda, em *Persuasão*, no entanto, vemos o exemplo do capitão Harville, cuja residência, na cidade de Lyme, conta com uma biblioteca particular e “uma razoável coleção de livros” (Austen, 2007, p.82), ainda que a leitura não fosse seu passatempo predileto, demarcando a noção de que no caso, dessa personagem a coleção de livros está simbolizada sua capacidade de aquisição de livros enquanto um bem de consumo disponível a todos aqueles com razoável poder monetário.

²⁴ No original temos: “Such remarks were made, we must remember, in a very restricted social context. To Johnson and his contemporaries the ranks of civilized society ended with the middle class.” (Johnson *apud* Altick, 1998).

prosseguiu o almirante, depois de pensar por alguns instantes. – Muito poucas. Já lhe falamos em Uppercross sobre a porta da lavanderia. Essa foi uma melhoria de grande importância.”. (Austen, 2007, p.103).²⁵ Vale observar como o texto literário nos permite verificar que a relação entre a aristocracia e a burguesia se deu, por meio de concessões (entre as partes) e negociatas.

Podemos dizer que a própria relação entre Anne e Wentworth figura essa ideia, até de modo bastante literal. Observamos dois momentos distintos da ligação entre eles: o primeiro com o jovem aspirante cuja mente o narrador o descreve como: “[...]muito inteligente, ativo e brilhante[...]”. (Austen, 2007, p.24).²⁶mas que ainda assim, precisa deixar para trás seus anseios de união com Anne (se submetendo) aos critérios aristocratas do pai da amada, cuja expectativa de parceiro matrimonial perpassava pelo ideal de um rapaz com propriedades herdadas vindas de berço, as quais impedem o rapaz de concretizar tal envolvimento, uma vez que o jovem aspirante não possui tais requisitos. Todavia, um segundo momento de *Persuasão*, o coloca como alguém bem sucedido e cheio de posses, graças à atividade marítima e, a partir de então, é ele quem passa a dar as cartas na relação. Notamos isso, quando já o tendo reencontrado, a protagonista é obrigada a assistir de forma passiva ao interesse de Frederick pelas personagens, Louisa e Henrietta, irmãs de seu cunhado. Lemos, no capítulo de número dez, (entre as personagens Louisa e o capitão Wentworth), o diálogo acerca do casamento não concretizado entre a senhorita Anne Elliot e Charles Musgrove, devido ao “orgulho” dos Elliot tecendo ele, por vezes, comentários irônicos ou ásperos ao recordar alguma lembrança anterior a sua ascensão, o que naturalmente, envolve a figura de Anne. Figura essa, a qual, no instante da conversa, encontra-se sentada no mesmo local, oculta apenas por um pequeno arbusto.

[...] Enquanto permanecesse onde estava, um arbusto de azevinho rasteiro protegia- a , e eles estavam a afastar-se. Antes de deixar de os poder ouvir, porém Louisa voltou a falar:

²⁵ No original temos: “We have made very few changes either, continued the Admiral, after thinking a moment. Very few.—We told you about the laundry-door, at Uppercross. That has been a very great improvement”. (Austen, 107, 103).

²⁶ No original temos: “[...]intelligence, spirit, and brilliancy;[...]”

-Mary é uma pessoa boa em muitos aspectos, disse ela, mas por vezes irrita-me imenso, com toda a sua tolice e orgulho, o orgulho dos Elliot. Ela tem muito do orgulho dos Elliot. Nós preferíamos que Charles tivesse se casado com Anne[...].(Austen , 2007, p.74).²⁷

Esse processo de transição de poderes pode ser evidenciado em outro exemplo, dessa vez, de cunho literário, quando na ocorrência da queda de Louisa em Lyme,²⁸ onde o narrador, faz menção aos personagens do poema intitulado *Henry and Emma* (1709)²⁹, afirma, o seguinte:

Ela procurou manter a calma e ser justa. Sem querer imitar os sentimentos de uma Emma por seu Henry, teria cuidado de Louisa pelo bem do capitão Wentworth com um zelo superior ao que recomenda a consideração, e esperava que ele não fosse tão injusto a ponto de pensar que ela se eximiria sem motivo dos deveres de uma amiga. (Austen, 2007, p. 96).³⁰

Afirmamos ser esse um trecho, o qual figura uma espécie de vantagem por parte de Wentworth em relação à personagem de Anne, na medida em que está na sua “leitura e interpretação” da referência literária, acima mencionada, uma possível análise, daquilo que a heroína chama de sentimentos de uma Emma por seu Henry, o que, em suma, pode ser descrito como a disputa por seu amor e mais do que isso, ser uma revelação quanto a uma possível vivacidade de sentimentos por parte da calada heroína, que até ali, pouco havia se exposto em conversas com o próprio rapaz. Temendo vir a ser mal interpretada, ao considerar que o capitão, fosse conhecedor do texto poético, em questão (e desse modo, intérprete, ou, julgue sua prontidão, em auxiliar Louisa), como um meio para impressioná-lo, tal como se

²⁷ No original temos: “[...] While she remained, a bush of low rambling holly protected her, and they were moving on. Before they were beyond her hearing, however, Louisa spoke again.

-Mary is good-natured enough in many respects, said she; but she does sometimes provoke me excessively, by her nonsense and pride; the Elliot pride. She has a great deal too much of the Elliot pride.—We do so wish that Charles had married Anne Instead [...]”. (Austen, 2007, p.74).

²⁸ Hoje Lyme Regis, em Dorset, cidade portuária na costa sul da Inglaterra.

²⁹ Poema escrito por Matthew Prior, (1664-1721), em que a heroína Emma prova o amor que sente por Henry, demonstrando consideração pela mulher que supõe ser sua rival, tornando –se alguém submissa aos desejos de tal homem, com o intuito de “conquistá-lo” perante, uma outra mulher que não existe, uma vez que o rapaz estaria agindo de tal modo com o intuito de testar esse sentimento.

³⁰ No original temos: “Without emulating the feelings of an Emma towards her Henry, she would have attended on Louisa with a zeal above the common claims of regard, for his sake; and she hoped he would not long be so unjust as to suppose she would shrink unnecessarily from the office of a friend”. (Austen, 2007,p.96).

passa com as personagens Henry e Emma, cuja predisposição tem o intuito causar em Henry boa impressão. Outra noção seria a de que no caso de Anne já que não caberia mais a ela mensurar tais conhecimentos, ou mesmo o entendimento de um texto literário, ao pensar na reação de Wentworth.

Ela poderia se dizer diferente de Emma, porém nada pôde dizer sobre as impressões do rapaz³¹. Descobriremos apenas, nos capítulos finais do romance, que o capitão viu sua atitude como forma de bom senso e servidão, sendo inclusive, para ele este um momento crucial, o qual o fez compreender que sua antiga pretendente estava além da mesquinhez e do orgulho próprio, dos demais Elliot, reconhecendo em sua amada, transformação³² e maturidade.³³ O texto austeniano, nos permite notar que a impressão do texto literário que mais preocupa Anne não é a sua, mas a de Wentworth, uma vez que considera que o jovem possa vislumbrar o viés da rivalidade das possíveis pretendentes, (tal como no poema), dentro do contexto vivido entre ela e Louisa, podendo perceber com isso que as teria em suas mãos, cabendo a ele vir ou não a exercer certo domínio sobre os sentimentos de cada delas.

No entanto, longe de ter somente um caráter sentimental, a disputa confere uma perspectiva política ao texto austeniano, quando consideramos que tal margem interpretativa por parte de Wentworth está ligada também a possibilidade de escolha de cunho

³¹ A postura servil de Anne, se associada ao perfil de Emma, em termos sentimentais poderia dar abertura a uma espécie de “humilhação”, uma vez que ela considera que de algum modo ele julga sua recusa no passado como sendo uma suposta fraqueza de seu caráter.

³² Parte dessa transformação se dá pelo fato de que ela não aceita conviver somente cercada por valores e preceitos da aristocracia, como vinha fazendo no começo do romance, não sem deixar persuadir tão facilmente, como no passado. O texto austeniano, nos traz mesmo nos detalhes formais, visões acerca desse seu posicionamento, diferenciado como na ocasião de um programa em família, ela se compara a outra personagem literária, a saber, senhorita Larolles, cujo comportamento era o de buscar estar próxima daqueles com quem tinha interesse em travar relações, (personagem do romance, escrito por Fanny Burney 1752-1840, intitulado *Cecília* 1782). No concerto, Anne, busca se sentar afastada de sua parentela, com o intuito de ficar mais próxima de Frederick Wentworth, demonstrando seu desprendimento perante uma possível reação ou, uma expectativa desses familiares, os quais continuavam dispostos apenas a agradar duas esnobes primas aristocratas.

³³ É no capítulo de número vinte e três, que podemos conferir as afirmações de Wentworth acerca da superioridade de Anne: “Havia se imaginado indiferente, quando na verdade estava apenas zangado; e tinha sido injusto em relação aos seus méritos, pois estes o tinham feito sofrer. Seu caráter estava agora gravado em sua mente como a própria imagem da perfeição, o mais belo exemplo de coragem e delicadeza; mas ele era obrigado a admitir que somente em Uppercross havia aprendido a lhe fazer justiça, e que somente em Lyme havia começado a entender os próprios sentimentos. Em Lyme, havia aprendido lições de mais de um tipo. A admiração passageira do sr. Elliot pelo menos o fizera despertar, e as cenas no Quebra-Mar e na casa do capitão Harville haviam confirmado a superioridade de Anne”.(Austen, 2007, 197).

socioeconômico: entre a jovem Musgrove, cuja renda advém de uma próspera família rural de Uppercross, e Anne, cuja perspectiva financeira, nesse instante, seria o oposto, devido à má administração de suas posses, o que a deixa em situação pouco vantajosa. Wentworth, portanto, seria quem possui agora opções de escolha³⁴ e não mais o contrário, (quando o relacionamento era baseado apenas no sentimento, nutrido por ambos), abrindo, portanto, precedentes para que o pai e a amiga Lady Russell a convenceram das desvantagens (socioeconômicas e intelectuais)³⁵ dessa união, conforme ocorrido no passado. O texto, simbolicamente ao final, nos permitirá a verificação de certo equilíbrio com o enlace de Anne e Frederick, ou, conforme diz o romance: “[...] a vantagem de possuírem maturidade de espírito e consciência de seus direitos”. (Austen ,2007, p.202).³⁶ O que corrobora com a ideia de transição e negociação entre as partes, a qual, aqui, se buscou constatar, isto é , estamos diante de duas personagens que passam a entrar em acordo, ainda que dentro do nível da intelectualidade, a fim de manterem o equilíbrio entre os membros da aristocracia e da burguesia dentro desse processo de transitoriedade dos poderes da sociedade inglesa do período regencial, ao reconhecerem o papel de cada um desses grupos em sociedade. Aqui, está um claro exemplo, daquilo que explicamos anteriormente, em nota, a saber, a chamada por Jameson (1992) de ideologia da forma, onde por meio das escolhas de composição

³⁴ Gostaríamos de acrescentar que o jovem Frederick, pautará sua escolha também considerando a questão da intelectualidade conforme, aponta à narrativa austeniana: “Um sujeito estupendo, mas muito exigente quanto à instrução”. (Austen, 2007,p.45).

³⁵ A narrativa trata de elencar tais desvantagens, nos seguintes termos: “Sir Walter reagiu à questão com toda a negatividade de um grande espanto, uma grande frieza, um grande silêncio, e a decisão professa de nada fazer pela filha. Considerava o enlace muito degradante; e Lady Russell, embora com um orgulho mais temperado e perdoável, julgava-o um grande infortúnio.

Anne Elliot, apesar dos atributos do berço, da beleza e do espírito, desperdiçar a si mesma aos dezenove anos, envolver-se aos dezenove anos em um noivado com um rapaz que nada tinha para recomendá-lo a não ser ele mesmo, e sem qualquer esperança de alcançar uma boa situação a não ser os acasos de uma profissão muito incerta, e sem parentes para nem sequer garantir sua progressão nesse ofício, seria de fato um desperdício que lhe causava desgosto só de pensar! Anne Elliot, tão jovem, conhecida por tão poucos, arrebatada por um desconhecido sem relações ou fortuna, ou melhor, condenada por ele a um estado de dependência extenuante, cheio de aflição, fadado a arruinar sua juventude!(Austen, 2007, p.25).

³⁶ No original temos: “[...] with the advantage of maturity of mind, consciousness of right, and one independent fortune between them [...]”.

textual, (forma)³⁷, nos é dada a possibilidade de notar o processo histórico, ali figurado³⁸, e conseqüentemente o das lutas de classe, e de seus modos de produção, nos três horizontes de interpretação do texto literário.

Tomaremos como base para conclusão do artigo, também um dos momentos de diálogo entre a senhorita Anne Elliot e o capitão Benwick, ocorrido durante a passagem de ambos na localidade de Lyme. Neste episódio podemos constatar o quanto a compreensão dos valores para Anne, não ficaria restrito somente aos familiares de Wentworth, mas, poderia ser estendido, ao grupo de amigos do jovem, cujo enriquecimento e conhecimentos acerca da literatura também se fez notável.

Benwick, cuja postura melancólica e tristonha, o põe distante de todos, exceto da heroína, (pois, tal personagem vê ceifada a vida de sua noiva, a saber, Fanny Harville), irmã do também capitão, Harville). Apreciador de poesia, em especial dos trabalhos do poeta romântico inglês, a saber, *Lord Byron* (1788-1824)³⁹, do autor, escocês Sir Walter Scott (1771-1832).⁴⁰, ele travará discussões sobre tais poetas com a personagem principal.

³⁷ A respeito das questões da forma, gostaríamos de argumentar que o aspecto formal deve ser encarado como um elemento interno da obra literária, conforme afirma Antônio Cândido: “Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*. (Candido, 2011, p. 13-14).

³⁸ Jameson afirma que é preciso realizar o ato de se historicizar sempre ao se promover à análise dialética, uma vez que de acordo com sua perspectiva, o *inconsciente político*: “Volta-se para a dinâmica do ato de interpretação e pressupõe, como sua ficção organizacional, que nunca abordamos um texto de imediato, em todo o seu frescor, como coisa-em-si mesma. Em vez disso, os textos se nos apresentam como o “sempre-já-lido”; nós os apreendemos por meio das camadas sedimentadas de interpretações prévias [...]. (Jameson, 1992, p.09). É interessante ressaltar também de que modo o crítico se refere ao conceito de História, uma vez que para ele “a História é o que fere o que recua o desejo e impõe limites inexoráveis ao indivíduo e à práxis coletiva. [...] Mas esta História só pode ser apreendida, por meio de seus efeitos e nunca diretamente como uma força reificada. (Jameson, 1992, p.93)

³⁹ Os textos de Lord Byron, citados pelos personagens do romance de Jane Austen são: “*Childe Harold's Pilgrimage*” (1812), que narra as viagens de um jovem desiludido com uma vida de excessos, com diversas menções às águas escuras. Considera-se que o poema representa a melancolia e a desilusão de toda uma geração com as prolongadas guerras do período pós-revolucionário. Também do mesmo autor temos as referências: *Giaour* e *A noiva de Abydos* (ambas de 1813).

⁴⁰ As obras contidas em Persuasão são: *Marmion* (1808) e *A dama do lago* (1810).

Dentro de um primeiro horizonte de leitura, as citações literárias acima mencionadas podem nos dizer, por exemplo, que textos como os de *Lord Byron*⁴¹ reforçam a ideia de melancolia trazida pelas experiências de guerra ou mesmo da morte de sua noiva, ao se tratar do personagem de Benwick. Porém, ao nos atentarmos, para as escolhas formais dentro do romance de Jane Austen, notamos, que está também figurado, aspectos desse processo de transição de poderes, sendo articulado, via subtexto. Assim, pontua o narrador: “[...] atreveu-se a recomendar uma quantidade maior de prosa em suas leituras diárias”. (Austen, 2007, p.84).⁴² A escolha dos termos *atreveu-se* e *recomendar* nos dá a impressão novamente, de que a protagonista está em posição de “negociação entre os modos de pensar entre os autores e poesias aos quais ambos têm acesso e certo grau de conhecimento”, ainda que conforme cite o narrador nos deixe evidenciado que Anne possui “um espírito mais amadurecido” (Austen, 2007, 84)⁴³, pois ela certamente viveu um período maior do que o jovem leitor. No entanto, não cabe mais a Anne dar a “versão” mais apropriada; agora é preciso que ela seja construída com base nos diálogos, tendo a protagonista também que reaprender diante das devolutivas do rapaz, (portanto, só cabendo a ela a posição de recomendar), sem jamais impor, algo, mesmo perante todos os seus predicados⁴⁴ e sua bagagem, (a qual, inclui o fator idade e seu acesso a um conteúdo literário, fruto de um acúmulo de gerações). Em outro momento, lemos a heroína afirmar ser impossível chegar a uma concordância quando o assunto é o de se decidir quais dos autores por eles apreciados podem vir a ser considerado o mais interessante, assim descreve o narrador: [...] “conversando como da primeira vez sobre *Sir Walter Scott* e *Lord Byron*, e ainda incapazes, como antes, e como quaisquer outros leitores, de julgar exatamente equivalentes os méritos de um e de

⁴¹ Poetas como *lord George Gordon Byron* (1788-1824), se ligam ao movimento literário, a saber, o romantismo inglês, o qual possui características, como: o escapismo, literatura voltada para o eu, tratando da retratação dos dramas humanos, ao escrever a respeito de amores trágicos, fato que poderia explicar, em primeiro horizonte de interpretação a predileção de Benwick, pelo poeta.

⁴² No original temos: “[...]she ventured to recommend a larger allowance of prose in his daily study”. (Austen, 2007, 84).

⁴³ No original temos: “seniority of mind”.(Austen, 2007, 84).

⁴⁴ Em *Persuasão*, tomamos conhecimento do fato de que a protagonista sabe idiomas como o italiano e possui grandes habilidades quando o assunto é tocar piano, o que demonstra que tal personagem recebeu educação de alto nível.

outro. [...]” (Austen, 2007, p.89).⁴⁵ Fica evidenciado com a descrição posta pela narrativa que não há um fechamento, ou mesmo que um dos *ranks* possam ter soberanias no quesito opiniões literárias. O que não se pode negar, entretanto, é o fato de que, por meio de toda a discussão dos gostos e prazeres, existe uma clara apropriação de conhecimentos e saberes, antes, conferidos e ou limitados a pessoas como Anne Elliot, porém, agora, também conferidos a Benwick em toda sua extensão.

Considerações finais

Como vemos, o romance nos permite vislumbrar o processo de acúmulo de riquezas, assim como a questão da busca por conhecimento, próprio dos ideais iluministas, alicerçados na figura do indivíduo burguês. Em *Persuasão*, portanto, encontramos a presença desses processos de transição de poder e seus questionamentos, figurados nas entrelinhas e nas escolhas formais que o texto apresenta, aqui articulados por meio de menção de obras literárias, ou seus autores, a partir das conversas de Anne Elliot e os demais integrantes do texto ficcional. Sendo a figuração da leitura, em última instância, um meio de compreensão das ideologias, vigentes no período regencial, demarcadas no artigo, por meio da argumentação e dos aspectos relevantes analisados dentro da perspectiva dialética, a qual rompe com as estratégias de contenção presentes no texto literário, permitindo assim, que sejam notados os aspectos políticos da sociedade na qual estão figurados os romances austenianos.

Referências

ALTICK, R. D. *The English common reader: a social history of the mass reading public 1800-1900*. 2. ed. Chicago: University of Chicago Press, 1998.

⁴⁵ No original temos: “[...] Their conversation the preceding evening did not disincline him to seek her again; and they walked together some time, talking as before of Mr. Scott and Lord Byron, and still as unable as before, and as unable as any other two readers, to think exactly alike of the merits of either [...]” (Austen, 2007, p.89).

- AUSTEN, J. *Persuasão*. Tradução brasileira de Fabio Cyrino. ed. bilíngue. São Paulo: Landmark, 2007.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- DARNTON, R. História da leitura. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 197-236.
- KEYMER, T. Rank. In: TOOD, J. (Org.). *Jane Austen in context*. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 387-439.
- JAMESON, F. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
- SCHWARZ, R. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SILVA, L. *Leituras de Jane Austen no Séc. XIX*. 1. ed. São Paulo: Livrus, 2014.
- STABER, J. Literary influences. In: TOOD, J. (Org.). *Jane Austen in context*. 4. ed. Nova York: Cambridge University Press, 2010. p. 41-50.
- VASCONCELOS, S. G. T. *A formação do romance inglês: ensaios teóricos*. São Paulo: Hucitec, 2007.
- VASCONCELOS, S. G. T. *Dez lições sobre o romance inglês do século XVIII*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- WATT, I. *A ascensão do romance*. Tradução brasileira de Hildegard Feist. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

THE READING CHARACTERS OF PERSUASION (1818) - A FIGURATION OF THE TRANSITION OF POWERS BETWEEN ARISTOCRACY AND THE BOURGEOISIE

ABSTRACT: The main objective of this work is to verify the transience in power relations, through dialectical analysis within the aspects figured by reading and its readers, seeking to understand, historically, how such an issue is configured among members of the English aristocracy and bourgeoisie, in the novel *Persuasion* (1818) written by Jane Austen. More precisely, the study will focus on the following reader characters: members of the Elliot family, characters from the English navy, namely, captains Wentworth, Harville and Benwick and the clan of Admiral Croft, with whom, throughout the novel, they fight discussions about literary texts. Starting from a dialectical perspective, we will rely primarily on the theoretical discussions postulated by critic Fredric Jameson, in his book entitled *Political Unconscious, the Narrative as a Socially Symbolic Act* (1992).

KEYWORDS: Jane Austen, *Persuasion*, Reading.